No dia 12 deste mês, conversei com a Beatriz Sala, aluna do primeiro ano de graduação de engenharia agronômica, que por sinal é minha colega.

Beatriz tem 20 anos e tem família em Cosmópolis, interior de São Paulo, gosta muito de animais e flores. Iniciamos a conversa deste trabalho sobre o poema de William Shakespeare nas dependências da ESALQ, caminhando até a biblioteca, onde nos sentamos no sofá da recepção. Ao fim da leitura, perguntei qual era a sua interpretação deste poema e o que ela gostaria de comentar.

 Minha colega foi enfática sobre a passagem rápida do tempo, da mulher com sua juventude e beleza que se esvai, sobre o passado e tudo que era bom. Do tronco com folhas que assegura a sombra e tranquilidade aos animais, mas que se perdeu frente ao tempo. Que a beleza é inversamente proporcional ao tempo, que não há como controlar e lutar contra o relógio que não descansa nem durante a noite. E a noite, representa a amargura, o dia, a alegria e o vigor. Só através da prole, futuras gerações, é que se enfrenta o tempo.

Falei sobre o filme “O homem que copiava” e sobre a cena em que o ator Lázaro Ramos e Leandra Leal trataram sobre o poema. A discussão se estendeu por aproximadamente 40 minutos e a sensação final foi de que existem certezas irrefutáveis: velhice e morte.